

## LEITURA E ESCRITA DE TEXTOS ACADÊMICOS: UMA EXPERIÊNCIA QUE VALE A PENA REPETIR

Maria Marlene Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

Vângela do Carmo Oliveira F. Vasconcelos<sup>2</sup>

**Resumo:** A escrita de textos na universidade tem constituído um verdadeiro dilema tanto para os estudantes, que não se sentem preparados para lidar com os textos que transitam no meio acadêmico, quanto para os professores, que reclamam da baixa qualidade dos textos apresentados pelos alunos. Este trabalho expõe uma experiência do trabalho da disciplina Leitura e Produção de Textos no âmbito da Universidade de Brasília, *campus* de Planaltina. Nesta disciplina foi feito um trabalho diferenciado por meio de estratégias de produção de textos segundo a demanda de cada aluno. A experiência foi muito gratificante, pois a aprendizagem tornou-se significativa para os alunos envolvidos. De acordo com Chalmers & Fuller (1996), ao assumir a tarefa de ensinar estratégias de aprendizagem, o professor está ajudando seus alunos a aprender. Nesse contexto de aprendizagem, a escrita passa a assumir uma dimensão crítica do autor em relação a sua escrita. Ensinar o aluno a planejar o texto a ser escrito, revisar este texto, antecipar o ponto de vista do destinatário, assim como cuidar da especificidade de cada gênero textual constitui uma importante ferramenta para se pensar e apreender os conteúdos das diversas disciplinas que se estuda na universidade.

**Palavras-chave:** Leitura; escrita; gêneros acadêmicos; revisão textual.

**Abstract:** the writing of academic texts in university has constituted a true dilemma both for the students, that don't feel prepared to deal with the text that transitate in the academic enviroment, and for the professors, who complain about the low quality of the texts presented by the students. This paper exposes a work experience in the subject Leitura e Produção de Textos in the context of University of Brasilia, Planaltina campus. In this subject was done a differentiated work through text production strategies according to each student's demand. The experience was greatly rewarding, for the learning was significant for the students involved. According to Chalmers & Fuller (1996), when assuming the task of teaching learning strategies, the professor is is helping his students to learn. In this learning context, writing starts to have a critical dimension from the author towards his writing. Teaching the student to plan the text to be written, revise this text, anticipate the recipient's point of view, and also how to care for the specificities of each textual genre constitutes an important tool to think and learn the contents of the many subjects studied in university.

**Key words:** Reading; writing; academic genres; textual revision.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL/UnB)

Email: [maria\\_marlene\\_s@hotmail.com](mailto:maria_marlene_s@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL/UnB)

Email: [vanfontenele@gmail.com](mailto:vanfontenele@gmail.com)

## 1. Introdução

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre uma experiência de ensino de leitura e produção de textos acadêmicos na Universidade de Brasília, *campus* de Planaltina durante o primeiro semestre de 2019 em atendimento aos estudantes dos cursos de Gestão Ambiental, Gestão do Agronegócio e Licenciatura em Ciências Naturais.

Trata-se de um trabalho desenvolvido com a escrita de textos acadêmicos segundo a demanda apresentada pelos alunos participantes das disciplinas cursadas: Leitura e Produção de Textos (alunos de Gestão Ambiental), Textos Acadêmicos (alunos de Gestão do Agronegócio) e Letramentos de Textos Científicos (Licenciatura em Ciências Naturais).

As estratégias de abordagem do texto acadêmico surgiram da demanda de trabalhos exigidos pelos professores nas diversas disciplinas cursadas pelos estudantes durante o primeiro semestre de 2019 no campus da Universidade de Brasília em Planaltina.

O enfoque teórico orientador do trabalho tem base Marcuschi (2008), Bakhtin (2003), Street (2003; 2014), Bortoni-Ricardo (2005), Kleiman (2006), Silva (2018) entre outros.

Ao final, apresentamos os resultados da experiência, que acredito, deva ser repetida.

## 2. O gênero e as esferas discursivas

De acordo com Marcuschi (2008), o conceito de gênero discursivo remonta à tradição clássica, sobretudo, na poética de Platão e na retórica de Aristóteles. No entanto, o grande marco teórico dos estudos de gêneros discursivos diz respeito a Bakhtin e ao Círculo de Praga, que influenciaram pesquisas em diversas áreas.

Para Bakhtin, os gêneros discursivos são orais e escritos e estes constituem condição para que as pessoas possam se comunicar nas mais diversas áreas e espaços denominados de esferas discursivas. Devido a heterogeneidade dos gêneros, o autor os classifica como primários e secundários. Os primeiros nascem da necessidade de comunicação imediata, fazem parte os gêneros usados no cotidiano, os segundos dizem respeito aos gêneros mais elaborados e complexos. No contexto dos gêneros secundários estão os textos acadêmicos e científicos, gêneros que temos trabalhado na universidade em processos de escrita de artigos, memoriais, ensaios, planos de aula dentre outros.

Considerando os pressupostos da teoria enunciativa de Bakhtin temos que:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.[...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seu tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262)

No contexto das atividades desenvolvidas na esfera discursiva da universidade, trabalhamos com os gêneros acadêmicos. Os gêneros acadêmicos são entendidos aqui como textos escritos produzidos e circulantes no âmbito de uma universidade como meio de comunicação entre professores, pesquisadores e alunos, com diferentes objetivos comunicativos. Entre estes gêneros estão os textos de divulgação de pesquisa, resumo de ideias, relatórios de atividades desenvolvidas, ensaios entre outros.

O trabalho com gêneros do discurso está associado ao letramento. Diante disso, cabe aqui uma reflexão sobre as experiências de leitura e produção de textos de graduandos da FUP/UnB, de modo que constituem implicações para a inclusão desses alunos na comunidade acadêmica, por meio do domínio dos gêneros e discursos que nela circulam e sua consequente formação de professores/pesquisadores.

### **3. Letramento – conjunto de práticas sociais na sala de aula**

De modo geral, os estudantes apresentam grande dificuldade para escrever textos acadêmicos, o que nem sempre é percebido pelos professores. Tal dificuldade, muitas vezes, relaciona-se com a falta de conhecimento que têm os estudantes sobre o que é o espaço acadêmico, sobre os discursos que circulam neste espaço, as práticas e gêneros acadêmicos que ali são produzidos.

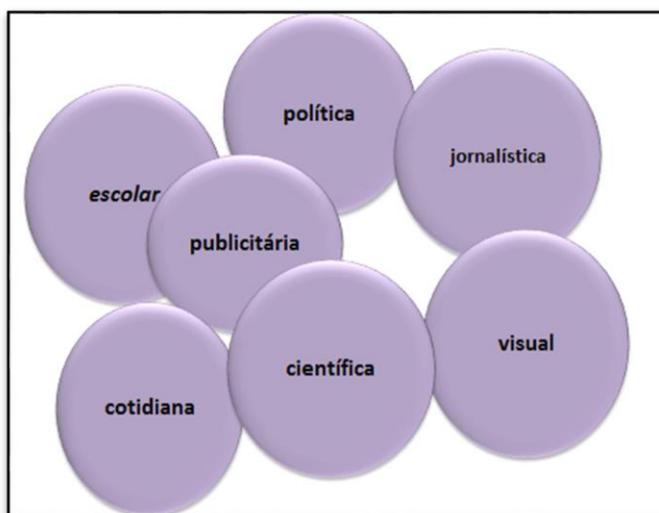
Neste contexto, é necessário que o estudante seja totalmente inserido no meio acadêmico e para que isso seja efetivado, há de se considerar que ele deva participar ativamente dessa comunidade discursiva e, de forma consciente, possa refletir sobre ela para que assim se sinta parte dela.

Quando se trata da questão dos letramentos, diferentes posicionamentos teórico-metodológicos de pesquisadores e estudiosos acerca do conceito de letramento têm sido constantes na atualidade. Alguns veem o letramento como uma questão social e política, e, portanto, ideológica. Adeptos deste ponto de vista estão Gee (2001), Kleiman, (1995), Luke (1996), Rojo (2009), Scribner & Cole (1981), Street (2003), Soares (2003) entre outros. Outros, no entanto, acreditam se tratar de um fenômeno essencialmente linguístico como é o caso de Hasan (1996) e Halliday (1996).

De acordo com Silva (2018, p. 78),

No bojo desta controvérsia dicotômica situa-se o letramento escolar e, assim, costuma-se classificar os sujeitos como letrados e não-letrados, ou ainda, como alfabetizados e não alfabetizados. Para Scribner & Cole (1981), o letramento não consiste unicamente em dominar as regras da leitura e da escrita, ou seja, em saber ler e escrever, mas sobretudo, em fazer uso desse conhecimento para aplicá-lo em situações específicas.

Existem diferentes tipos de letramentos. Estes se relacionam diretamente com as esferas discursivas onde estes circulam textos (orais e escritos) que se materializam por meio de gêneros textuais. A seguir, apresento uma figura sobre os diversos letramentos.



*Exemplos de letramentos*

No início da década de 1980, com Os Novos Estudos do Letramento (*The New Literacy Studies*), houve uma mudança na ideia de que o foco do estudo da língua deveria estar centrado na escrita como prática individual. A partir de então, a língua passa a ser vista segundo uma perspectiva interativa, centrada na prática social. Diante dessa nova perspectiva, Street elabora dois construtos importantes: o conceito de práticas e eventos de letramento e a definição dos modelos autônomo e ideológico de letramento.

O termo ‘evento de letramento’, atribuído a Heath (1992) designa os variados momentos em que a leitura e a escrita são utilizadas de maneira interativa pelos participantes. Segundo o Glossário CEALE, evento de letramento, indica:

qualquer ocasião em que algo escrito é constitutivo da interação e dos processos interpretativos dos participantes, ou seja, é o que podemos observar que as pessoas estão fazendo quando estão usando a escrita e a leitura. [...]. Os *eventos de letramento* ocorrem em diferentes espaços sociais, assumem diferentes formas e têm funções variadas. [...] As pessoas também se envolvem em vários *eventos de letramento* fora da escola quando, por exemplo, participam de um ritual religioso, leem um livro para os filhos, anotam compras em uma caderneta, leem e escrevem cartas e e-mails ou leem pequenos anúncios em busca de emprego.

Considerando o espaço da sala de aula, Soares (2003, p. 105) define ‘práticas de letramento’ como “comportamentos exercidos pelos participantes em um evento de letramento, em que as concepções sociais que o configuram determinam sua interpretação e dão sentido aos usos da leitura e/ou escrita naquela situação particular”.

Nesse sentido, as práticas de letramento compreendem os usos que os sujeitos fazem da leitura e da escrita em diversos momentos de seu viver. Assim, podemos afirmar que tais

práticas implicam diretamente sobre os usos sociais que se faz da escrita. Isso significa dizer que as práticas de letramento são situadas nas relações sociais dos sujeitos em sua rotina diária.

De acordo com Street (2014), as práticas de letramento têm um sentido mais amplo do que eventos de letramento. As práticas englobam os comportamentos exercidos pelos participantes do evento e também as suas concepções sociais e culturais.

Outro construto elaborado por Street foi o de modelos de letramento: o autônomo e o ideológico. O modelo autônomo considera o letramento como o uso das habilidades de leitura e escrita para atender às exigências sociais. De acordo com este modelo, o indivíduo deve se adaptar à sociedade.

Por outro lado, o modelo ideológico de letramento concebe as formas que as práticas de leitura e escritura assumem em determinados contextos sociais, bem como formam estruturas de poder em uma sociedade. Nesse modelo, o letramento aumenta a consciência dos sujeitos sobre as suas vidas e sua capacidade de lidar racionalmente com decisões, dessa forma pode conscientizar-se da sua realidade e até transformá-la.

No contexto deste trabalho, os alunos desenvolveram diversas práticas de letramentos orais e escritos em eventos de letramento acadêmico situados em sala de aula partindo de um modelo ideológico de letramento, segundo os pressupostos de Street (2014).

Nesse sentido, cabe ao professor o papel de agente de letramento dos seus alunos inserindo-os nas práticas de letramento que caracterizam os saberes acadêmicos, de modo que haja uma hibridização entre as práticas de letramento dominantes e as práticas de letramento vernaculares (STREET, 2003).

Kleiman (2006, p. 83) expõe que “Um agente social é um mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade: no caso da escola”. Corroborando com Street e Kleiman, Bortoni-Ricardo (2005) alega que é imprescindível a utilização de uma pedagogia culturalmente sensível de forma a dialogar com os alunos. Mas o que vem a ser esta pedagogia?

A pedagogia culturalmente sensível cria, em sala de aula, ambientes de aprendizagem onde se desenvolvem padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos. Tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador da transmissão do conhecimento, na medida em que ativam nos educandos processos cognitivos associados aos processos sociais que lhes são familiares. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 120)

De fato, a pedagogia culturalmente sensível para lidar com estes estudantes que chegam a um universo totalmente estranho e que, além de aprenderem a lidar com espaço social diferente daquele a que estão acostumados, precisam escrever textos nada familiares dentro de contextos discursivos igualmente desconhecidos por eles.

Meu trabalho com estes alunos foi construído considerando uma série de elementos: o conhecimento dos gêneros acadêmicos que eles precisavam escrever e conhecer e ter contato mais de perto com o uso dos letramentos acadêmicos dentro de um modelo ideológico de letramento por meio de uma pedagogia culturalmente sensível. Os resultados deste trabalho me levaram a perceber que isso é possível.

### 3.1. A prática de letramentos acadêmicos no contexto da sala de aula

De acordo com Silva (2018, p. 80):

As práticas de letramento compreendem os usos que os sujeitos fazem da leitura e da escrita em diversos momentos de seu viver. Assim, podemos afirmar que tais práticas implicam diretamente sobre os usos sociais que se faz da escrita. Isso significa dizer que as práticas de letramento são situadas nas relações sociais dos sujeitos em sua rotina diária.

Todo o planejamento das atividades de produção dos textos em sala de aula foi iniciado a partir de uma conversa inicial com os estudantes sobre a demanda de textos que deveriam ser lidos para a produção de textos acadêmicos. Foi ouvindo os alunos nesta conversa que surgiu a fala de uma aluna que dizia “Professora, vim hoje para saber como será o desenvolvimento desta disciplina, pois se tiver mais trabalhos para serem feitos, eu vou desistir”. Pensei e avaliei a minha prática na fala daquela aluna.

E então decidi que faria o meu trabalho por meio da orientação de textos que eles precisariam escrever. Antes de tudo, expliquei o conceito e características de gênero textual/discursivo. Muitas vezes, eles relataram que “o professor pediu para escrever um texto sobre o tema tal”. Percebi que muitos professores também desconhecem conceitos sobre gêneros textuais, o que os fazem pedir textos em gêneros equivocados.

Semanalmente, conversávamos sobre os gêneros que eles precisariam escrever. Na aula seguinte, explicava as características dos dados gêneros, mostrava vários exemplos dos textos escritos para revistas ou livros, fazíamos a leitura do texto base para a escrita, o planejamento do texto e, como atividade para casa ficava a escrita do texto. Na aula seguinte, deveriam me mostrar a produção escrita para avaliação e, finalmente, faziam a revisão. Só depois o texto era entregue para o professor da disciplina.

Desse modo, as aulas aconteceram de modo a fazer sentido para os alunos. Assim, acredito que os estudantes passaram a desenvolver a competência comunicativa, conceito desenvolvido pelo sociolinguista norte-americano Dell Hymes. Sobre a competência comunicativa, apresentamos o que diz Bortoni-Ricardo (2004, p. 78):

A tarefa educativa da escola, em relação à língua materna, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança, os recursos comunicativos que forem necessários para desempenhar-se bem nos contextos sociais em que interage.

E o desenvolvimento da competência comunicativa foi uma preocupação constante.

### 3.2. As estratégias de produção do texto acadêmico

As estratégias de abordagem textual em sala de aula foram as seguintes: escuta da demanda e dificuldades dos alunos com relação à leitura e escrita de textos acadêmicos, exposição dialogada sobre conceitos de gêneros textuais e discursivos adotando-se a perspectiva de Bakhtin e sobre letramentos sob a perspectiva de Street.

Depois apresentamos gêneros textuais que circularam no ambiente acadêmico relacionadas com os textos que os alunos deveriam escrever semanalmente: artigos, memoriais, plano de aulas, projetos de pesquisa, ensaios entre outros. Após a compreensão do gênero, passávamos para o planejamento do texto considerando o conteúdo do texto-base e, em seguida, para a produção textual.

A revisão constituía a última parte do trabalho desenvolvido em sala de aula. Os alunos apresentavam também o feedback da avaliação do professor da disciplina sobre o texto produzido pelos alunos.

#### **4. O resultado do trabalho desenvolvido em sala de aula**

O resultado do trabalho foi bastante promissor, pois o ensino-aprendizagem tornou-se significativo para os alunos participantes das disciplinas. Nesse sentido, o texto acadêmico passa a assumir uma dimensão crítica do autor em relação a sua produção escrita. Isso impacta positivamente no desenvolvimento acadêmico dos estudantes.

Segundo Carlino (2017, p. 181):

A aprendizagem de uma disciplina inclui incorporar conceitos, métodos e formas particulares de ler, escrever e pensar, através do desenvolvimento de capacidades que, no futuro, possibilitem contribuir nesse campo de estudo através de aporte próprio. Todos esses componentes de aprendizagem estão agrupados em torno dos usos, estabelecidos dentro da comunidade disciplinar, de um artefato cultural específico/; a linguagem escrita. Para que os alunos consigam aprender a disciplina, e portanto, aprender seus usos, precisam ter participado das suas práticas sociais, conjuntamente com quem as domina de modo a receber orientação e retroalimentação por parte deles.

Nesse sentido, ensinar o aluno a planejar o texto a ser escrito, revisar este texto, antecipar o ponto de vista do destinatário, assim como cuidar da especificidade de cada gênero textual constitui uma importante ferramenta para se pensar e apreender os conteúdos das diversas disciplinas que se estuda na universidade. Estas estratégias tendem a valorizar ainda mais o desempenho de cada estudante.

#### **5. Considerações Finais**

Este trabalho me permitiu algumas conclusões acerca do trabalho com textos na universidade, principalmente no campus onde trabalho. Inicialmente, é preciso valorizar as disciplinas que podem ajudar os alunos a escreverem textos de maneira geral, entre estes os que fazem parte da vida acadêmica dos estudantes. Isso pode ser feito ao se destinar mais créditos para estas disciplinas, uma vez que ela tem no máximo dois créditos.

Também foi possível perceber que, apesar de os estudantes estarem inseridos na academia e serem considerados membros dela, eles não o são efetivamente, uma vez que eles não se sentem ainda familiarizados com o discurso e os gêneros que circulam no interior da universidade. Dessa forma, podemos afirmar que não há um processo completo de letramento acadêmico, o que geralmente é cobrado que o aluno já chegue às instituições de ensino superior com este letramento desenvolvido.

Acredito que é necessário que o trabalho com textos deva ser uma prioridade na universidade e que oportunizar ao alunado experiência de escrita de textos, de leitura de textos por meio de apropriação de estratégias eficientes de abordagem do texto científico pode ser um diferencial na formação dos estudantes.

É importante ressaltar que os problemas advindos da dificuldade em compreender e escrever textos acadêmicos não é apenas dos estudantes que chegam à universidade ou do seu histórico escolar. Devemos considerar também a prática com que a academia tem lidado com esses problemas e procurar formas de ajudar os alunos a desenvolverem de maneira eficaz os letramentos dessa esfera discursiva. Esta deve ser prioridade na agenda didática e institucional, conforme sabiamente nos diz Carlino (2017).

É prioritário que as instituições de ensino assumam a responsabilidade de que trabalhar leitura e escrita em todas as disciplinas e áreas do conhecimento é responsabilidade de todos. Quem ganha com uma mudança de atitude desse nível serão os alunos, os professores e a instituição de ensino como um todo.

## Referências

BAKHTIN, Mikail. *Estética da criação verbal*, 4ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CALINO, Paula. *Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2017.

COPE, Bill & KALANTZIS, Mary (eds). *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*, Routledge, London, 2000.

GLOSSÁRIO CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>. Acesso em 06/11/2019.

KLEIMAN, Ângela (Org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas. Mercado de Letras, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SCRIBNER, S.; COLE, M. *The psychology of literacy*. Harvard university press, 1981.

SILVA, Maria Marlene Rodrigues da. *Sociolinguística: contribuições para a criação de um currículo para povos itinerantes*. Brasília, 2018. 233 p.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2003.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre Letramento e Diversidade, outubro de 2003.

\_\_\_\_\_. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.